

3 + 1

The weeping rock

Tiago Baptista

19.09.25 – 09.11.25

Inauguração | Opening 19.09.25, 18h – 21h

A pedra chorona / o lamento do calhau

Lágrima mineral. No fundo azul da gruta escura, no fundo da gruta, no fundo profundo, escuta-se um lamento. É o pó da pedra se desmanchando. É molhado, e goteja paciente. A decisão já havia sido tomada antes mesmo, há tantos anos, talvez cem mil. No tempo em que as lagartas não se imaginariam como borboletas, nem os girinos como sapos. Era um tempo longo demais, porque media o comprimento da língua de um tamanduá-bandeira e movia-se na velocidade da baba de uma lesma. A lágrima não escorria, nunca fazia chuva lá dentro, a pedra tinha tanta vergonha que chorava com calma. E em sua dureza colossal, dissolvia, sedimentava e depois cristalizava o seu choro na forma afiada de um dente.

Quando um corpo cai, é porque nada mais sustenta a vida. Daí então é preciso inventar uma nova estrutura. Ser pato e ser ovo ao mesmo tempo, feijão e pedra, peixe e passarinho, concha e vinil. Dar a vida a outra coisa, a uma coisa-outra que permita a construção do enigma. É assim que a imagem, que na pintura pode ser fiel como a cópia de uma chave, se liberta, abrindo porta atrás de porta, deixando as pistas pelo caminho. Nessa nova ordem, o mundo das coisas pequenas se agiganta, e aqueles que poderiam ter sido esmagados pelos passos distraídos dos nossos pés, fazem a rebelião. Formigas, cogumelos, caracóis, pedregulhos e grãos inventam, ao nível do chão, uma língua franca que rasteja e ziguezagueia, enrolando-se com tudo aquilo que aparece brotando da terra.

Sai um som baixo e grave lá de dentro da garganta, como sai o sopro de um fantasma rouco na cova azul da mesma gruta. O centro gravitacional torna-se movediço e os olhos de quem vê não sabem parar. Rolam redondos, circulares, medindo toda a curvatura das bordas do globo. Para a psicanálise de Lacan, o corpo é uma invenção que nos ajuda a lidar com o real. O sustentamos com algum esforço, mas também podemos deixá-lo cair, desfazendo-nos de sua imagem unificada e simbólica, desligando-nos dele como suporte de uma identidade. O colapso pode ser uma experiência devastadora, mas também transformadora se o descolamento do corpo refizer uma costura que nos permita habitá-lo de outro modo.

Cai a tarde e a pedra segue o lamento de sua própria desintegração. As vagens, as conchas, as cascas e os casulos estão vazios e também sentem saudades. Ser gente é querer

The weeping rock / the lament of the stone

Mineral tear. In the blue depths of the dark cave, at the bottom, in the deep depths, a lament can be heard. It is the dust of the rock falling apart. It is wet and drips patiently. The decision had been made before, so many years ago, maybe one hundred thousand. At a time when caterpillars could not imagine themselves as butterflies, nor tadpoles as frogs. It was too long a time, because it measured the length of the tongue of a giant anteater and it moved at the speed of the slug's slime. The tear did not drip, it never rained inside, the rock was so ashamed that it would cry calmly. And in its colossal hardness, it would dissolve, sediment and then crystallize its weeping in the shape of a sharp tooth.

When a body falls, it is because nothing sustains life anymore. From there it is necessary to invent a new structure. To be the duck and the egg at the same time, bean and rock, fish and bird, seashell and vinyl. To give life to another being, to an other-being that allows the construction of the enigma. This is how the image, that in painting can be as faithful as the copy of a key, frees itself, opening door after door, leaving clues along the way. In that new order, the world of small things becomes a giant and those that could have been crushed by the distracted steps of our feet, create a rebellion. Ants, mushrooms, snails, boulders and grains invent, at the floor level, a lingua franca that crawls and zigzags, curling up with everything that shows up sprouting from the earth.

A low, deep sound comes from the throat, like the breath of a hoarse ghost in the blue grave of the same cave. The gravitational centre becomes unstable and the eyes of who sees do not know how to stop. They roll round, circular, measuring the whole curve of the globe's edges. For Lacan's psychoanalysis, the body is an invention that helps us deal with the real. We sustain it with some effort, but we can also let it fall, letting go of its unified and symbolic image, disconnecting ourselves from it as a support for identity. The collapse can be a devastating experience, but it can also be transforming if the detachment of the body remakes a stitch that allows us to inhabit it in a different way.

The afternoon falls and the rock continues the lament of its own disintegration. The pods, the shells, the peels and the cocoons are empty and also feel longing. To be a person is to want to give meaning to that goodbye. Once again Lacan, when he talks about language as an organ outside of the

3 + 1

dar sentido a essa despedida. Outra vez Lacan, quando fala da linguagem como um órgão fora do corpo graças ao qual podemos perceber que temos outros órgãos. A linguagem em sua dimensão membranosa, elástica e envolvente, mas ainda assim, estrutural.

Cai a tarde e junto da tarde, caem as sombras. É o sinal da melancolia, quando a sombra cai sobre o ser e o peso da sombra o faz cair também. Nas pinturas de Tiago Baptista, são as sombras que sustentam o nosso olhar. Elas dão volume e presença aos corpos de dentro e de fora da tela. Quando surgem pelos cantos, indicam que há um espaço além que também faz parte da pintura. É um corpo descolado do nosso campo de visão, como o espaço intermediário das coxias no conjunto de um palco teatral. Limiar entre representação e realidade, são inacessíveis para quem vê da plateia, mas indispensáveis para quem está em cena.

O chão também surge nessas pinturas como um elemento de importância, assumindo, muitas vezes, a síntese de uma faixa horizontal na parte inferior da tela. É ele que nos indica a relação entre escalas e que permite que seres pequeninos engrandescam. Estão todos aterrados, talvez pesem muito. Até mesmo o peixe que queria voar se apoia nele por um triz. O chão é a terra de onde brotam cabelos e se escondem as conchas, o chão é o palco inventado, é o espaço da cena.

Já é dia outra vez, o sol vem com suas promessas e uma multidão de lesmas sem conchas se espalha pelo quintal. Também cantam, rastejam porque cantam as feridas da Terra. Atropelam-se, vão dobrando-se umas sobre as outras devagar. O tédio é o peso do corpo arrastando o peso do tempo.

A cena é toda essa e o teto participa. No manejo das cordas, derrubam as tubulações e suspendem o canavial. Todo o líquido extraído que virou água doce inundou a sala. O que ficou pendente se distribuiu pelo espaço indicando suspensões: desvios de rota, momentos de pausa, ajustes ópticos. O corpo presente tem consciência de si, é pé ante pé. Os olhos vacilam entre planos, medem a distância entre o objeto e a imagem do objeto, entre a carne do objeto e a carne do planeta. O cálcio é a parte da rocha que tem na gente.

No ato final, a pedra chorona pede a saúde de seus dentes pra poder falar.
Impossível.

body, thanks to which we can perceive that we have other organs. Language, in its membranous dimension, elastic and enveloping, but still structural.

The afternoon falls and with it, shadows fall. It is the signal of melancholy, when the shadow falls on the being and the weight of the shadow makes it fall as well. In Tiago Baptista's paintings it is the shadows that sustain our gaze. They give volume and presence to the bodies inside and outside of the canvas. When they appear in the corners, they indicate that there is a space beyond that is also part of the painting. It is a detached body of our field of vision, like the intermediate space of the wings of a theater stage. The threshold between representation and reality, they are inaccessible to those who look from the audience, but indispensable for those in the scene.

The floor also shows up in those paintings as an element of importance, assuming, oftentimes, the synthesis of a horizontal strip in the inferior part of the canvas. It is it that informs us of the relationship between scales and that allows small beings to become larger. They are all grounded, maybe they are very heavy. Even the fish that wanted to fly rests upon it by a hair's breadth. The floor is the earth from where hairs sprout and shell hide, the floor is the created stage, it is the stage space.

It is daytime again; the sun comes with its promises and a crowd of slugs without shell spread through the backyard. They also sing, they crawl because they sing the wounds of the Earth. They run over each other, folding themselves slowly on top of one another. Boredom is the weight of the body dragging the weight of time.

The scene is all of this and the ceiling takes part. In the handling of the ropes, the pipes are knocked down and the cane field is suspended. All the liquid extracted that turned into freshwater has flooded the room. What was pending distributed itself throughout the space indicating suspensions: route detours, break times and optical adjustments. The present body is conscious of itself; it is step after step. The eyes vacillate between planes, they measure the distance between the object and the object's image, between the object's flesh and the planet's flesh. Calcium is the part of the rock that exists in us.

In the final act, the weeping rock asks for the health of its teeth to be able to speak.
Impossible.

Julia Coelho, 08.2025

3 +1

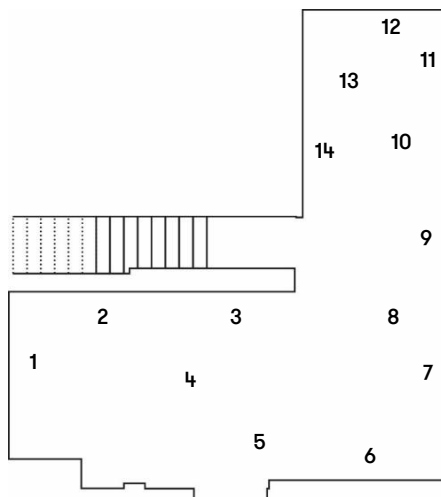
The weeping rock

Tiago Baptista

19.09.25 – 09.11.25

Inauguração | Opening 19.09.25, 18h – 21h

GALERIA | GALLERY 1



1. *Le bisous sur le caillou (hommage à Pierre Bonnard)*, 2025

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 24 x 30 cm

2. *O voo do peixe prateado*, 2025

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 24 x 18 cm

3. *Sem título | Untitled*, 2025

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 24 x 30 cm

4. *Lembrança escorre brota*, 2025

Acrílico sobre poliuretano e metal | Acrylic on polyurethane and metal, 291 x 18 x 7 cm

5. *Sois por ali a cima*, 2025

Acrílico sobre material de base mineral, poliuretano e metal | Acrylic on mineral base material, polyurethane and metal 310 x 15 x 16 cm

6. *Sem título | Untitled*, 2025

Óleo e spray acrílico sobre tela | Oil and acrylic spray on canvas, 30 x 20 cm

7. *The weeping rock*, 2025

Óleo e spray acrílico sobre linho | Oil and acrylic spray on linen, 24 x 30 cm

8. *Memória da Pedra-feijão*, 2025

Acrílico sobre material de base mineral, metal, pedras e concha encontradas | Acrylic on mineral base material, metal, found stones and shell, 310 x 22 x 10 cm

9. *A concha fóssil atrapada*, 2025

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 24 x 30 cm

10. *O canto dos caracóis II*, 2025

Acrílico sobre material de base mineral, poliuretano e metal | Acrylic on mineral base material, polyurethane and metal 335,5 x 9 x 9 cm

11. *Fungus Fossile*, 2025

Óleo, spray e esmalte sobre tela | Oil, spray paint and enamel on canvas, 24 x 30 cm

12. *Chuva primeira sobre céu púrpura*, 2025

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 22 x 27 cm

13. *Estrato fundo*, 2025

Acrílico e spray sobre material de base mineral, metal e objeto encontrado | Acrylic and spray paint on mineral base material, metal and found object, 352 x 5 x 5 cm

14. *The stone duck*, 2025

Óleo sobre linho | Oil on linen, 30 x 40 cm

galéria@3m1arte.com
www.3m1arte.com

Largo Hintze Ribeiro 2E-F, 1250 – 122 Lisbon
Portugal +351 210 170 765

3 + 1

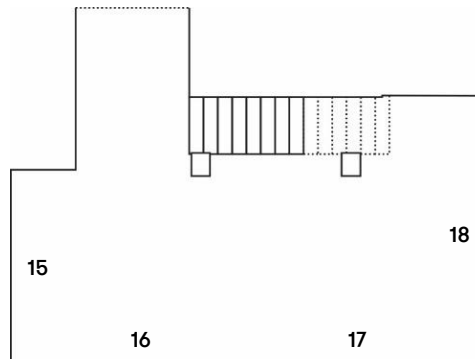
The weeping rock

Tiago Baptista

19.09.25 – 09.11.25

Inauguração | Opening 19.09.25, 18h – 21h

GALERIA | GALLERY 2



15. Sem título | Untitled, 2024

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 30 x 40 cm

16. Sem título | Untitled, 2025

Óleo e tinta spray sobre linho | Oil and spray paint on linen

70 x 80 cm

17. Concha-mão, 2025

Acrílico sobre material de base mineral e pelo humano |

Acrylic on mineral base material and human hair

12 x 8 x 5 cm

18. Situação amarela, 2025

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 187 x 154 cm